

Sá Martino, Luis Mauro

A INVENÇÃO DO PASSADO NO GÓTICO VITORIANO: A IGREJA DE ST MARK, EM NORWICH
Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.

15, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 359-376

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526548012>

A INVENÇÃO DO PASSADO NO GÓTICO VITORIANO: A IGREJA DE ST MARK, EM NORWICH*

*Luis Mauro Sá Martino***

Resumo. Este artigo toma a igreja de St Mark at Lakenham, em Norwich, Inglaterra, para explorar aspectos religiosos e estéticos do denominado "Revival Gótico" na época vitoriana. A partir de pesquisa de campo realizada em 2008 e 2010, foi possível encontrar na igreja traços para compreensão desse momento na mentalidade europeia, em particular uma contradição entre a ideia de resgatar um passado medieval e a possibilidade de fazer isso: St Mark foi construída em 1844, mas em estilo gótico; é coberta de flint, pedra da região usada nas igrejas medievais, mas sua estrutura interna é de tijolos; sua mobília e decoração são feitas para parecerem medievais, mas adaptadas ao gosto do século XIX. O texto trata do assunto tomando como base sua relação com o movimento Tractariano dentro do Anglicanismo do século XIX.

Palavras-chave: Revival Gótico; Arquitetura; Religião

PAST INVENTION ON VICTORIAN GOTHIC: ST MARK CHURCH, IN NORWICH

Abstract. This article takes St Mark at Lakenham, in Norwich, England, in order to explore religious and aesthetic aspects of the so called "Gothic Revival" on Victorian era. From field research performed in 2008 and 2010, it was possible to find traits in the church to understand this moment of European thoughts, especially a contradiction between the idea of rescuing a medieval past and the possibility of doing so: St Mark was built in 1844, but in gothic style; is covered with flint, a regional stone used in medieval churches, but its internal structure is of bricks, its furniture and adornment are made in order to look medieval, but adapted to XIX taste. The text approaches the subject by taking as basis the relation between Tractarian movement into XIX Anglicanism.

Keywords: Gothic Revival; Architecture; Religion

* Artigo recebido em 24/08/2010. Aprovado em 30/05/2011.

** Doutor em Ciências Sociais/PUC-SP. Pesquisador bolsista da Universidade East Anglia/Inglaterra. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: lmsamartino@gmail.com

LA INVENCIÓN DEL PASADO EN EL GÓTICO VICTORIANO: LA IGLESIA DE ST MARK, EN NORWICH

Resumen. Este artículo considera la iglesia de St Mark at Lakenham, en Norwich, (Inglaterra), para analizar aspectos religiosos y estéticos del llamado "Revival Gótico" durante la época victoriana. A partir de la investigación de campo en esta iglesia, realizada entre 2008 y 2010, fue posible encontrar trazos para la comprensión de la mentalidad europea de ese momento, en particular, de la contradicción entre la idea de rescatar el pasado medieval y la posibilidad de hacerlo: St Mark fue construida en 1844, pero con un estilo gótico; está cubierta de *flint* (piedra de la región utilizada en las iglesias medievales), mas su estructura interna es de ladrillos; su mobiliario y la decoración imitan el estilo medieval, aunque adaptadas al gusto del siglo XIX. El texto trata del asunto a partir de la base de su relación con el movimiento Tractariano, dentro do Anglicanismo del siglo XIX.

Palabras clave: Revival Gótico; Arquitectura; Religión

INTRODUÇÃO

À primeira vista, a igreja de St Mark at Lakenham é apenas mais uma das igrejas medievais de Norwich, Inglaterra. A cidade concentra o maior número de igrejas anteriores à Reforma Protestante no Norte da Europa, e St Mark aparentemente não tem nenhum atrativo especial. Assim como as outras, é construída em *flint*, o único tipo de rocha da região apropriado para construções e a ogiva, um dos elementos mais associados com o período gótico, está presente nas portas e janelas. O único detalhe é que St Mark at Lakenham foi construída em 1844.

Por que construir uma igreja em estilo medieval em pleno século XIX? Qual o sentido de re-elaboração e mesmo celebração de um passado pré-Reforma, negado até pouco tempo antes? A resposta aparentemente passa pela investigação de uma dimensão da mentalidade da época que, ancorada em fatores estéticos, religiosos e políticos, buscou na Idade Média uma resposta para questões contemporâneas e, no processo, terminou por elaborar uma representação particular daquele período, mais próximo de uma reconstrução imaginária do que do trabalho historiográfico.

O objetivo deste texto é delinear um aspecto do denominado Revival Gótico – ou “Gótico Vitoriano”, em uma distinção que a bibliografia ainda não deixou clara; o uso de maiúsculas indica o movimento, em contraposição ao que poderia ser a retomada isolada ou

esporádica de elementos do Gótico – a partir dessa construção, identificando como o edifício se localiza em um ponto específico da mentalidade da época, no qual religião, arte e arquitetura se cruzaram em uma representação idealizada do passado medieval britânico feita em pleno século XIX. Para isso, em primeiro lugar, serão apresentados alguns aspectos do Revival Gótico e, em seguida, os elementos da construção que se relacionam com esse movimento ao mesmo tempo estético, social e religioso.

Os dados apresentados foram obtidos em uma pesquisa de campo realizada no ano de 2008, posteriormente completada em 2010, secundada por uma bibliografia específica. Vale notar que o objetivo aqui não é fazer um estudo de caráter arquitetônico da igreja, mas mostrar como a construção se apresenta como a objetivação de um aspecto da mentalidade da época. St Mark at Lakenham certamente não é a única construção desse período na cidade, mas a preocupação com os detalhes na reconstrução de um passado medieval a torna um objeto de estudos singular, diferente, em termos qualitativos, de outras construções do mesmo período.

1. O ESPAÇO PARA UMA NOVA IGREJA

A cidade de Norwich, na região de East Anglia, Leste da Inglaterra, teve seu apogeu econômico e político no final da Idade Média. Impulsionada pela produção de algodão e de lã, e por conta de sua proximidade com a Europa continental, o que permitiu o florescimento de um largo comércio, a economia desenvolveu-se consideravelmente nos séculos XIII – XV, chegando a ser a segunda maior cidade do país, perdendo apenas para Londres.

Desse período de prosperidade data a maior parte das igrejas da cidade. Muitas já existiam, mas em construções pequenas feitas de pedra, quando não de madeira. O desenvolvimento econômico permitiu não apenas o estabelecimento de novas igrejas, mas também a elaboração das construções medievais que ainda podem ser vistos. No final do século XV havia registros de 63 igrejas na cidade, número bem maior do que a demanda. Uma das explicações para essa quantidade, segundo Groves (2010, p.11), era um fator político: o estabelecimento de uma igreja, que incluía a construção do edifício e o pagamento dos salários do clero, em geral era financiado por alguma figura influente, particularmente grandes comerciantes ou proprietários rurais que, com isso, demonstravam seu *status* e influência.

Nessa época, a cidade não ocupava uma área maior do que 6 km². A geografia era plana e a distribuição urbana estava distribuída, sobretudo ao redor de um centro composto pelo mercado, por uma importante igreja – St Peter Mancroft – e pelo Guildhall, misto de prefeitura, administração e central de polícia. Na passagem dos séculos XIII / XIV, ganhou muros para a defesa, e durante os 600 anos seguintes eles demarcaram os limites geográficos da cidade. Para além dos muros, plantações e criação, sobretudo de gado e ovelhas (MEERES, 1990).

A industrialização, no século XIX, alterou parcialmente esse panorama. Embora não tenha acontecido com a mesma violência de Londres ou Manchester, o estabelecimento de fábricas em Norwich levou a uma nova configuração urbana, em particular inflada por um êxodo rural que gerou um súbito aumento da população da cidade, com a consequente criação de cortiços e a deteriorização de algumas áreas, recuperadas somente no século XX. Alguns autores sugerem que essa nova configuração urbana teria levado algumas famílias, especialmente as mais ricas, a procurarem outro espaço de moradia, criando novos vilarejos fora da região central. O distrito de Lakenham foi estabelecido nessa época.

O movimento de expansão urbana gerou novas demandas, entre elas a da criação de uma nova igreja para esses fiéis – para eles, qualquer uma das então 36 igrejas no centro da cidade era muito distante para ser frequentada. Com isso, a diocese de Norwich decidiu-se pela construção de uma nova igreja em Lakenham, dedicada a São Marcos. Seria construída no estilo de suas correlatas medievais, mas isso não era tudo; as igrejas medievais de Norwich, como a maior parte das igrejas da Inglaterra, haviam passado por inúmeras transformações desde a Reforma, a principal delas tendo sido o expurgo de tudo o quanto lembrasse o catolicismo romano – imagens, pinturas, altares decorados, vitrais (DUFFY, 2005). St Mark at Lakenham deveria resgatar todos esses elementos e ser autenticamente medieval – na medida em que uma igreja construída em 1844 poderia ser medieval.

Essa decisão não foi isolada; ao contrário, só é possível e aceitável à mentalidade da época porque aconteceu no conjunto de um movimento político, estético e religioso que buscava igualmente esses valores, o Revival Gótico.

2. O REVIVAL GÓTICO: IMPLICAÇÕES RELIGIOSAS E ESTÉTICAS

O movimento conhecido como Revival Gótico (“gothic revival”), ao menos em sua vertente britânica, é composto de várias dimensões, das quais a literatura e a arquitetura estão entre as mais visíveis, mas certamente não são as únicas. Se, no primeiro caso, o resultado foi a criação de clássicos como *O castelo de Otranto*, *Frankenstein* e *Drácula*, no segundo teve-se a construção, reforma ou reconstrução de inúmeros edifícios pelo país – as atuais casas do Parlamento, em Westminster, do qual faz parte o Big Ben, são um dos exemplos mais conhecidos. No entanto, uma vista mais ampla desse movimento aponta para a confluência de várias tendências, vertentes e problemas, e exige o concurso de várias disciplinas para se ter uma visão, mesmo parcial, da questão. Antes de centrar o foco, vale a pena levantar algumas questões preliminares no intuito de dimensionar a área de investigação.

Um ponto de partida é o questionamento do nome: o que haveria de autêntico “gótico” em um movimento que seria denominado de Revival Gótico? Se, com Lewis (2002), entendemos o gótico como a nomenclatura usada para definir um tipo específico de criação cultural que se cobre o período do final da Idade Média, em particular do século XII ao XV, seria possível acreditar que um “revival” seria uma reapropriação de alguns elementos desse tipo de produção ressignificados no contexto sociocultural do século XIX. No entanto, a imprecisão do termo “gótico” como elemento definidor de um tipo específico de arte, manifestamente no caso da arquitetura eclesiástica em ogiva, é apontada por alguns autores (WATKIN, 2001).

O termo mais problemático, no entanto, como lembra Hogle (2002), é “revival”. Isso implica, em tradução aproximada, o “reviver” de algum tipo de estética em outro contexto diverso do seu, entre os quais se presume um lapso de tempo – para algo ser “revivido” presume-se sua desaparição no intervalo. E, no entanto, questionam Clark (1996), Lewis (2002) e Brooks (1999), quando o gótico teria, de fato, desaparecido da Inglaterra? Eles falam de um “gothic survival”, a “sobrevivência do gótico”, como estilo, sobretudo arquitetônico, bem depois do final da Idade Média. Assim, apontam edifícios “góticos” dos séculos XVI e XVII, bem antes do que se convencionou como início do “Revival Gótico” no final do século XVIII. A ideia de um Revival Gótico, nesse sentido, nada mais seria do que uma clivagem cronológica arbitrária para definir o renascimento de um modelo estético que nunca chegou a desaparecer.

Trata-se, no entanto, de verificar que se a construção de edifícios com características góticas – em especial, a verticalidade e o arco ogival – não chegou a desaparecer da Inglaterra, quando se fala no Revival Gótico do século XIX o que se tem em mente é algo mais circunscrito – na medida em que se pode usar esse termo de maneira a ligar um fenômeno e uma época – ao período Vitoriano.

Uma segunda questão se refere ao alcance do Revival Gótico em termos de história do pensamento. Movimento literário, político, religioso e arquitetônico ao mesmo tempo, pode ser estudado em qualquer uma dessas vertentes.

No campo da literatura, como a definição de um gênero transversal, no qual se associava um passado imaginário povoado de sombras, névoas, ruínas de mosteiros e personagens sombrios – algo que se perpetuará na ficção dos séculos seguintes, em particular após o advento da indústria cinematográfica (Cf. HOGLE, 2002). Como elemento político, serviu para reforçar identidades nacionais a partir da formação de uma cronologia que restaurava a Idade Média como ponto de partida das civilizações anglo-saxônicas – e não por acaso essa força política terá ímpeto especial na Alemanha e na Inglaterra (STANCLIFF, 2008). Na área da Sociologia da Religião, o Revival Gótico está associado a uma série de mudanças na igreja anglicana, o resgate de suas raízes “católicas” e, ao mesmo tempo, a volta do catolicismo romano à Inglaterra, após dois séculos de marginalidade. Finalmente, em termos arquitetônicos, significou a restauração de mais de 700 igrejas medievais em toda Grã-Bretanha, sem mencionar a construção de um sem-número de edifícios em estilo gótico, incluindo várias igrejas “medievais” construídas no período (CHAPMAN, 2006; BROOKS, 1999; KNOTT, 2006).

Finalmente, porque a necessidade de uma volta ao passado, em especial um passado pré-Reforma e pré-Renascimento em uma era de consolidação da Revolução Industrial? A relação entre um corpo de ideias político-culturais e a realização de construções monumentais não pode deixar de lado os aspectos econômicos da questão.

Nesse sentido, o Revival Gótico parece encerrar em si uma contradição interna na medida em que, mesmo sendo ideologicamente partidário de um mundo pré-capitalista, não escapou ao fato de ter encontrado sua objetivação artística e arquitetônica não apenas no auge do Capitalismo, mas no país da Revolução Industrial e, mais ainda, no século de consolidação da burguesia e da hegemonia política do Império

Britânico em vastas porções do mundo (MENEGUELLO, 2008). Não por acaso, a vinculação com a Idade Média usou também a noção de "império" como uma das ligações com o passado. Por razões de foco e espaço, as questões sobre as possíveis relações entre essa questão econômica e a mentalidade do Revival Gótico será deixada de lado, mantendo o foco no desenvolvimento no movimento e em sua objetivação material.

A tese do "escapismo" (SPENCER; KENT; COURT, 1990), pensando na construção de uma relação de causa e efeito entre esses elementos – a fuga para o medievalismo como reação a uma industrialização desenfreada; em outras palavras, uma busca da pré-Modernidade como alternativa às antinomias da Modernidade – parece encontrar maior aceitação entre os autores, mas não é objeto de consenso.

Em todos os casos, há um elemento medieval sonhado; uma apropriação de signos da Idade Média a partir da estética do século XIX e da sensibilidade vitoriana.

3. O GÓTICO COMO FONTE DE UMA IDENTIDADE NACIONAL VITORIANA

Brooks (1999), em um livro dedicado ao Revival Gótico, destaca o aspecto político do Gótico na Idade Média, sublinhando as condições de sua apropriação, igualmente política, no século XIX. As construções góticas, acredita, são também "estruturas semânticas" – seria possível falar em um "texto arquitetônico" – e, portanto, podem ser compreendidas não apenas como uma disputa sobre estética, mas também em termos ideológicos a respeito dos usos e imaginações de um passado. O Gótico não seria unicamente uma questão de arquitetura ou história da arte, mas teria sido apropriado como uma "visão de mundo" com aspectos políticos e sociais em disputa com outras, como lembra também Cristina Meneguello (2008).

De acordo com Stancliff (2008), o ímpeto de restaurações e construções do Revival Gótico foi causado principalmente por um livro e uma sociedade universitária. O livro foi *Contrasts*, de Augustus Welby Northmore Pugin; a sociedade, a Ecclesiological Society, da Universidade de Cambridge. Se, aos olhos do século XXI, creditar uma onda de reconstruções originadas por um livro ou a um grupo parece um exagero, o próprio Stancliff adverte que não se deve subestimar, na sociedade da

época, o poder que um livro poderia ter sobre as concepções de um grupo de pessoas. É nesse sentido que o Revival Gótico se afirma como fruto de uma mudança religiosa acoplada a uma revisão do sentido da arquitetura das igrejas. O primeiro elemento a destacar é um momento de crise na igreja Anglicana vivido no início do século XIX. Em linhas gerais, estava em jogo a afirmação de uma identidade, nacional e religiosa, em torno de uma concepção de "religião", exatamente no momento em que essa igreja se espalhava pelo império colonial britânico.

Se a Igreja Anglicana, criada no século XVI, conseguiu afirmar-se como uma espécie de via média entre Católicos e Protestantes, essa afirmação é creditada por vários autores à relação direta com a monarquia britânica: a igreja anglicana ("Church of England") faria parte de um "modo de ser" inglês ("Englishness"). No entanto, quando essa igreja se expande além das ilhas britânicas, qual é o solo teológico, doutrinário e litúrgico no qual ela se afirma? Uma das respostas a essa questão foram os movimentos de renovação na igreja anglicana, dentre os quais um dos mais influentes foi o movimento "Tractarianista", também denominado "Oxford Movement" ou ainda classificado como "Anglo-Católico".

Protagonizado pelo, então, pastor anglicano Henry Newman, mais tarde convertido ao catolicismo e tornado cardeal, o movimento tinha como destaque uma narrativa de origem na qual se podia sublinhar no discurso a origem "católica" e a "tradição apostólica" da Igreja Anglicana, nos escritos dos denominados "Padres da Igreja" e na volta ao que seria uma vertente mais "pura" da igreja, como se entendia que havia sido nos tempos pré-Reforma. Os escritos de Newman, "Tratados para os tempos" ("Tracts for the times"), foram altamente influentes na concepção e consolidação desse movimento, mas não atuaram sozinhos. Os "tractarianistas", como foram denominados, logo se multiplicaram em vários outros movimentos de caráter e propósito semelhante, em particular a *Ecclesiological Society*.

Na prática, isso significava reintroduzir nas cerimônias religiosas vários elementos do ritual católico romano, como a queima de incenso, os paramentos eclesiásticos para os sacerdotes, o canto em Latim, embora não necessariamente gregoriano, e mesmo o uso de orações tradicionais. Mais do que isso, o momento de encontro com o sagrado na comunhão teve seu *status* equiparado aos momentos da прédica sacerdotal, deixados em pé de igualdade no que diz respeito à liturgia. Finalmente, em termos doutrinários, houve uma busca por deixar de lado a ruptura causada pela Reforma e uma reinserção nos moldes de uma igreja católica romana, evidentemente sem nenhum tipo de submissão ao bispo de Roma.

Tentou-se, inclusive, estabelecer uma narrativa própria da criação de uma "ecclesia anglicana" ainda nos tempos apostólicos, que, portanto, teria o mesmo direito e legitimidade de uma igreja católica romana ou ortodoxa (CHAPMAN, 2006).

Essa nova concepção de religião, com alterações substanciais na doutrina e na liturgia, extrapolou sua influência para o espaço de manifestação do sagrado, e em pouco tempo a procura de uma reforma nas concepções anglicanas passaram a ser entendidas como uma necessidade de restauração do edifício das igrejas. De acordo com essa linha de pensamento, a uma forma específica de prática religiosa, associada a uma sociedade mais digna, como era pensada a Idade Média, deveria corresponder igualmente uma arquitetura em conformidade com esse tipo de pensamento, e o único modelo possível era a arquitetura gótica.

Essa, em linhas gerais, é a tese defendida por A. W. N. Pugin em *Contrasts*. O livro, publicado em 1836, destaca essa associação entre o que poderia ser o "espírito de uma época" - pode-se, aqui, ao se referir ao "espírito da época", pensar mais no sentido de uma "afinidade" sugerida, sobretudo por Panofsky (2005) em *Arquitetura Gótica e Escolástica* do que no conceito hegeliano - e sua arquitetura, como o título completo pode sugerir: *Contrasts: or, a parallel between the noble edifices of the fourteenth and fifteenth centuries and similar buildings of the present day: shewing the present decay of taste*. ("Contrastes: ou, um paralelo entre os nobres edifícios dos séculos 14 e 15 e construções contemporâneas semelhantes, mostrando o presente estado de decadência").

Uma associação que talvez possa ser julgada como mecanicista aos olhos atuais, mas que teve o mérito, na época, de pensar na organização social do espaço a partir da transformação desse espaço para servir de suporte físico a uma determinada prática religiosa. O escape para o gótico em plena revolução industrial, aparentemente, não era apenas no sentido arquitetônico ou litúrgico: o gosto de uma época estaria associado às condições de vida desse período.

Pugin, convertido ao catolicismo, entendia que apenas a arquitetura gótica poderia dar espaço para um verdadeiro sentimento religioso; mas ainda, o gótico seria também a expressão mais pura de um estilo propriamente "inglês". Não por acaso, ao ser encarregado de reconstruir o Parlamento britânico após o incêndio que o destruiu em 1832, Pugin criou uma das principais peças do Revival Gótico. Além disso, responsável pelo trabalho de restauração ou construção de cerca de

duas dúzias de igrejas ao longo de sua vida, Pugin lhes deu um aspecto “gótico” de acordo com suas concepções particulares.

Vale lembrar que o Revival Gótico acontece também em um momento no qual é formada uma imagem específica de Idade Média. Sem entrar nos pormenores a respeito da construção intelectual e hermenêutica dessa imagem, é suficiente observar seus contornos. A “Idade Média” para a qual o Revival Gótico se volta era, em geral, uma época idealizada de uma sociedade pré-capitalista, na qual os laços de sociabilidade se formavam sobre “valores”, não sobre uma economia de troca. A decadência moral causada pelo capitalismo, na transformação geral de tudo em mercadoria, se refletia na corrosão das relações sociais e do próprio gosto – não por acaso, um dos maiores incentivadores do Revival Gótico foi John Ruskin, conhecido também por seus escritos políticos socialistas (Cf. RUSKIN, 2008).

Se há uma dose considerável de idealização nessa concepção da vida cotidiana na Idade Média, não foi melhor com as ideias artísticas e, em especial, arquitetônicas. Como lembra Cook (1954), os restauradores do Revival Gótico tinham como objetivo reformar as igrejas para restaurá-las não necessariamente à aparência que elas tinham na Idade Média, mas àquilo que, no julgamento deles, tinha sido uma igreja medieval. A “imaginação gótica” dessas restaurações não tinha como objetivo levar de volta ao que foi, mas ao que deveria ter sido. Dessa maneira, tratava-se de recriar uma Idade Média tal como ela era imaginada, ainda que isso significasse, de fato, destruir os últimos vestígios originais das construções medievais.

Evidentemente esse processo não foi isento de contradições e disputas, além de variados graus de alterações nos edifícios. A procura por uma arquitetura mais compatível com as formas rituais e litúrgicas do movimento anglo-católico levou à adoção de soluções diferentes no restauro e construção de igrejas e, com base nos edifícios selecionados para este trabalho, é possível observar a adequação do espaço às formas litúrgicas (LEWIS, 2002; BROOKS, 1999).

4. A IMAGINAÇÃO CONSTRUÍDA: A IGREJA DE ST MARK

A igreja de St Mark at Lakenham foi construída em 1844, em um momento em que o Revival Gótico estava em seu pleno desenvolvimento. Isso fica patente na maneira como a construção foi planejada para atender às necessidades litúrgicas e estéticas da vertente

anglo-católica do anglicanismo. Os elementos, tanto da decoração quanto da própria arquitetura, remetem ao que se imaginava ter sido uma igreja medieval – assim, a única igreja vitoriana de Norwich conseguiria ser mais “medieval” do que suas correlatas do século XIV ou XV.

O exterior é construído em flint, e esse é o primeiro elemento que chama a atenção como um elemento de re-encenamento histórico. Não se trata, como nas outras igrejas da cidade, de uma construção feita a partir dessa pedra.

St Mark foi construída com tijolos, cimento e argamassa modernos – isto é, do século XIX – e apenas revestida de flint para ganhar uma aparência medieval. As técnicas de construção também foram as da época vitoriana, o que garante uma simetria na disposição das pedras, fruto de instrumentos de trabalho mais precisos e do uso de máquinas e medidas para a edificação (Figura 01). Aos olhos atentos não passam despercebidos que essa simetria entre as pedras não existe de fato nas igrejas medievais, mas pode ser encontrada em outras igrejas restauradas durante o Revival Gótico – o contraste, por exemplo, é particularmente acentuado na igreja de St Gilles-on-the-hill, na qual a nave da igreja, datada do século XIV, mantém uma disposição irregular das pedras, enquanto na capela, construída em 1866, o flint está disposto de maneira simétrica como em St Mark.



Figura 01
Simetria das pedras no revestimento externo da igreja

A coloração azul-cinzena, marca registrada das igrejas da cidade, é obtida, portanto a partir de um efeito de superfície sobre uma construção tecnicamente contemporânea – o que não deixa de ser uma espécie de alegoria do próprio Revival Gótico, no sentido do uso de uma cobertura medieval disposta sobre uma estrutura moderna. A reinvenção do passado, nesse sentido, não parece seguir no sentido de uma reprodução completa, o que incluiria usar técnicas de construção medievais, mas, ao contrário, indica certa sobreposição de disposições – a modernidade, representada pelo modo de construção, é, no entanto escondida sob o revestimento de flint, o vínculo com o passado idealizado.

As janelas e portas, em arcos ogivais, são um dos traços mais distintivos da igreja. Amplas, as janelas foram feitas em um estilo denominado “perpendicular”, referente sobretudo ao seu tamanho e à verticalidade – elemento presente, aliás, em toda a construção (Figura 02). A estrutura da igreja segue o padrão de seus modelos da Idade Média: uma torre, a nave da igreja e, no fundo, um pouco menor do que a nave, a “capela” (“chancel”), com formato aproximado de uma cruz.

Correspondendo aos braços da cruz, ficam duas outras “chancels”, uma dedicada a São Marcos e outra à Santa Maria.



Figura 02
As janelas em estilo “perpendicular” gótico no altar de St Mark

Entra-se na igreja pela porta principal sob a torre, e o apelo aos sentidos, sobretudo à visão, é imediato.

Preenchendo todo o espaço entre o altar e a nave, uma espécie de tela divisória (“rood screen”, Figura 03) de madeira, com pinturas retratando santos e passagens do Evangelho tomam conta do lugar. Sobre ele, outro elemento existente nas igrejas antes da Reforma: uma imagem da crucificação, ladeada por estátuas de São João e Nossa Senhora. As cores são vibrantes, com predominância do vermelho e do azul escuro.



Figura 03
O “rood screen” em estilo medieval separando a nave do altar

Conforme as descrições de Duffy (2005), Acroyd (2005) e Cook (1954), esse tipo de *rood screen* era um dos elementos mais importantes das igrejas medievais, e serviam também para separar o altar, no qual o serviço religioso propriamente dito tinha lugar, dos fiéis (Figura 02). A maior parte dos *rood screens* medievais foi destruída durante a Reforma, e os poucos restantes, em geral, estão bastante danificados. Em St Mark o *rood screen* ocupa todo o espaço principal da nave. As pinturas também seguem o mesmo padrão de cores das imagens – vermelho, azul e verde escuros predominantes, emoldurados por um largo contorno.

No entanto, as pinturas não são feitas segundo o traço medieval, mas em um tipo de pintura figurativa de meados do século XIX. Assim como no caso das técnicas de construção, a leitura feita do passado pelos construtores vitorianos parece ter tido alguns limites: não se tratava de imitar a pintura medieval ou de reproduzi-la literalmente, mas de efetuar uma releitura a partir das possibilidades estéticas do século XIX.

A imaginação do passado não parece estar à procura do que foi, mas à produção do que deveria ter sido. Inclusive, se necessário, modificando o que não parecia estar de acordo com a representação ideal do período anterior. Assim, se era possível melhorar a representação medieval e usar um traço expressivo do século Vitoriano no lugar do traço característico da arte da Baixa Idade Média, isso seria feito – nesse sentido, assim como outras peças do Revival Gótico, St Mark não se apresenta como um monumento ao passado, mas à imaginação da época.

O mesmo pode ser dito dos vitrais. Ocupando o espaço da maior parte das janelas, eles representam cenas bíblicas, vidas de santos e outras figuras religiosas. Novamente, o estilo detalhado e elaborado é do século XIX. Não se buscou imitar a simplicidade – termo aqui usado de maneira bastante relativa – dos vitrais medievais, mas, ao contrário, de usar as possibilidades expressivas do século XIX para ressaltar o apelo aos sentidos.

Ultrapassando-se o *rood screen* chega-se ao altar. A mesa principal é coberta com uma espécie de manta de feltro e, sobre ela, velas e candelabros. Um incensário, pendente do teto, completa o cenário de devoção litúrgica medieval no altar.

Representando os braços da cruz na planta da igreja, as duas *chancels* ou “capelas”, dedicadas a São Marcos e Santa Maria são outros indícios da imaginação medieval vitoriana. A presença de imagens de santos em uma igreja protestante seria um primeiro fato a ser considerado, mas as *chancels*, como espaço de devoção, parecem ir além disso. Adornadas e coloridas com carpetes e forro de cores vivas nas paredes, comportam ainda um altar secundário – outro elemento removido e destruído nas igrejas medievais durante a Reforma. O caso da *chancel* dedicada a Nossa Senhora, “Lady Chapel”, pode ser visto como ainda mais revelador da adequação entre liturgia e arquitetura: representa um espaço de religiosidade e devoção mariana, algo no mínimo questionado na Reforma Protestante e ainda hoje um ponto de discordia entre católicos e protestantes.

Um último elemento precisa ser considerado: há, na igreja, uma galeria superior com assentos suplementares, algo que não consta em algumas das principais descrições do interior de igrejas medievais. Essa galeria mostra outro dos limites do Revival Gótico: trata-se de lugares reservados para as famílias ricas da região, uma distinção que, segundo alguns autores, não existia na Idade Média – ao contrário, para Cook (1954), a igreja medieval era um espaço neutro no qual o *status* de classe

era substituído, ainda que provisoriamente, pela submissão coletiva às estruturas do poder religioso objetivada no clero. De qualquer maneira, mesmo que essa distinção tivesse lugar na Idade Média, em St Mark ela está presente. Aparentemente, o gosto pela recriação de um passado não vencia os limites das distinções de classe do mundo contemporâneo à construção da igreja.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na condição de um movimento que agregou elementos ao mesmo tempo estéticos, políticos e religiosos, o Revival Gótico não esteve isento de contradições internas e conflitos externos. A própria leitura do passado foi objeto de disputa entre os vários expoentes do movimento, em suas várias fases. Tome-se, brevemente, a disputa relatada por Lewis (2002) entre James Wyatt, a quem era preferível destruir uma igreja do século XV e reconstruí-la, desde o início, para torná-la “mais medieval” e o cuidado restaurador de Ruskin ou Pugin – que também não estavam isentos de sua própria imaginação gótica.

Elemento representativo da mentalidade de uma época, a igreja de St Mark at Lakenham apresenta-se à investigação contemporânea como um ponto de intersecção entre as várias modalidades desse pensamento: obra arquitetônica feita para comportar um determinado tipo de liturgia, por sua vez associada a uma representação idealizada de um passado medieval que talvez nunca tenha existido, é uma expressão do Revival Gótico em algumas de suas características principais.

Em certa medida, o Revival Gótico foi mais um exercício de imaginação do que propriamente de investigação histórica. Essa imaginação, no entanto, não nasceu do acaso e não deixa de estar afinada com outros elementos constitutivos de uma época – recorre-se, novamente, à leitura de Panofsky sobre as afinidades arquitetônicas e culturais de um período – na elaboração do que significava o Gótico. De certo modo, até certo ponto essa imaginação gótica usa a releitura da Idade Média como um instrumento de crítica política, no sentido amplo da palavra, de uma situação presente.

Nesse sentido, a igreja de St Mark at Lakenham é particularmente ilustrativa desse movimento ao reunir, em si, as contradições de um movimento revivalista que, ao buscar inspiração no passado, não se contenta em usar os elementos estéticos em uma releitura, mas praticamente recria o passado à imagem e semelhança do que se imagina,

na época presente – o século XIX – que esse passado havia sido. Uma igreja feita com as técnicas de construção vitorianas, tijolos e argamassa, mas revestida de uma pedra, flint, encontrado nas construções dos séculos XV e XVI na mesma cidade é uma amostra dessa contradição entre o passado ideal imaginado e as condições de sua realização no presente.

A leitura vitoriana do passado medieval e a intenção de recriar um mundo então perdido estão em uma relação de diálogo e conflito com o tempo da época; parece existir uma sobreposição entre a construção ideal de uma igreja gótica no século XIX, mas não parece ser possível aos construtores transformar seu idealismo em prática: St Mark pode ser entendida como a objetivação de uma narrativa do passado, mas lida com olhos do século XIX.

REFERÊNCIAS

- BROOKS, C. *The gothic revival*. Londres: Phaidon, 1999.
- BRUCE, S. The Pervasive World-View: Religion in Pre-Modern Britain. *The British Journal of Sociology*. London, v. 48, n. 4, p. 667-680, dec.1997.
- CHAPMAN, M. *Anglicanism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CLARK, T. *The Gothic Revival*. Londres: John Murray, 1996.
- COOK, G. H. *The English cathedral through the ages*. Londres: Phoenix, 1957.
- COOK, G. H. *The English mediaeval parish church*. Londres: Phoenix, 1954.
- DUFFY, E. *The stripping of the altars*. Yale: Yale University Press, 2005.
- ENGEL, U. O gótico em Inglaterra. In: TOMAN, R. *O gótico*. Colônia: Konemann, 2000.
- GROVES, N. *The medieval churches of the city of Norwich*. Norwich: Heart, 2010.
- KNOTT, S. St Mark, *Norfolk Churches* <<http://www.norfolkchurches.co.uk>> Acesso em 25 jul. 2009.
- LEWIS, M. *The Gothic Revival*. Londres: Thames & Hudson, 2002.
- MARTINO, L. M. S. De espaço sagrado à pista de dança: o caso das igrejas medievais de Norwich. *Revista História*. São Paulo, v.29, n.1, p. 108-119, 2010.
- MENEGUELLO, C. *Da ruína ao edifício*. São Paulo: Annablume, 2008.

- MEERES, F. *A history of Norwich*. Londres: Phillimore & Co Ltd, 1990.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NORWICH CONSERVATION CHURCHES TRUST. The Work of NCCT <http://www.norwich-churches.org/about/about_nhct.shtml> Acesso em 28 jul. 2009.
- PANOFSKY, E. *Arquitetura Gótica e Escolástica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RAGUIN, V. Revivals, Revivalists, and Architectural Stained Glass. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, vol. 49, n. 3, p. 310-329, sep. 1990.
- SHEPARD, M. 'Our Fine Gothic Magnificence': The Nineteenth-Century Chapel at Costessey Hall (Norfolk) and Its Medieval Glazing. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 54, n. 2, p. 186-207, jun. 1995.
- SPENCER, N.; KENT, D.; COURT, A. *The old churches of Norwich*. Norwich: Jarrold Publishing, 1990.
- STANCLIFF, D. *Church Architecture*. Londres: Lion, 2008.
- TOMAN, R. "Introdução". In. STANCLIFF, D. *O gótico*. Colônia: Konemann, 2000.
- WATKIN, D. *English Architecture*. Londres: Thames & Hudson, 2005.

